

DOCÊNCIA DE ANTROPOLOGIA EM CONTEXTO DE PANDEMIA DE COVID-19



Desafios, estratégias e aprendizados de três experiências de estágio-docência

Teaching of Anthropology in the COVID-19 pandemic
context: challenges, strategies and apprenticeship of three
internship-teaching experiences

Francine Costa

Universidade Federal de Santa Catarina

Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas | Florianópolis, Brasil

francinne.costa@gmail.com | ORCID iD: 0000-0001-5295-2212

Carolina Giordano Bergmann

Universidade Federal de Santa Catarina | Instituto Federal Catarinense

Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas | Técnica em Assuntos

Educacionais

Florianópolis, Brasil | Blumenau, Brasil

carolinabergmann@gmail.com | ORCID iD: 0000-0002-7989-2464

Pâmela Laurentina Sampaio Reis

Universidade Federal de Santa Catarina

Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas | Florianópolis, Brasil

pamelalaurentinasr@gmail.com | ORCID iD: 0000-0001-6780-6381



Resumo

As limitações impostas pela pandemia do COVID-19 ao ensino universitário levantaram desafios pertinentes ao ensino de Antropologia. Este artigo visa relatar três experiências de estágio-docência ocorridas entre 2020 a 2022 em disciplinas ofertadas nos cursos de graduação em Antropologia e Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina. Refletimos sobre as possibilidades, alcances e limitações do ensino e do aprendizado em contexto remoto, através da análise de escolhas metodológicas e estratégias pedagógicas desenvolvidas por nós nesta modalidade de ensino. Nossas experiências evidenciaram que mesmo em meio às limitações desta modalidade de ensino é possível promover o desenvolvimento de habilidades centrais no ensino de Antropologia. Acreditamos que tais reflexões podem se tornar fonte de engajamento e inspiração para práticas pedagógicas.

Palavras-chave

ensino de antropologia; ensino remoto; práticas pedagógicas; pandemia.

Abstract

The limitations imposed by the COVID-19 pandemic on higher education raised relevant challenges for the teaching of Anthropology. This article aims to discuss three internship-teaching experiences that took place between 2020 and 2022 in courses offered in undergraduate majors in Anthropology and Social Sciences at the Federal University of Santa Catarina. We reflect on the possibilities, scope and limitations of online teaching and learning, through the analysis of methodological choices and pedagogical strategies developed by us. Our experiences evidenced that even amid limitations of this teaching modality, it is possible to promote the development of central skills in Anthropology teaching. We believe that such reflections can become a source of engagement and inspiration for pedagogical practices.

Keywords

anthropology teaching; remote teaching; pedagogical practices; pandemic.

Introdução¹

As reflexões que envolvem o ensino da Antropologia no Brasil apontam a busca e a preocupação da disciplina por uma “autonomia” pedagógica no âmbito da graduação e os desafios surgidos nessa trajetória. Há quase duas décadas atrás, Miriam Grossi, Antonella Tassinari e Carmen Rial escreveram no livro *Ensino de Antropologia no Brasil: formação, práticas disciplinares e além fronteiras* sobre o percurso do ensino de antropologia no Brasil. Nele, apresentaram por meio de uma coletânea de artigos o impacto do desenvolvimento dos Programas de Pós-Graduação de Antropologia nos diversos cantos do país para o ensino da Antropologia e a necessidade de pensá-lo no âmbito da graduação, isto é, com a formação de profissionais qualificados (Grossi; Tassinari; Rial 2006).

Também Cláudia Fonseca (2001), ao fazer um balanço sobre os desafios do exercício da antropologia no século XX, chama atenção para a geração de antropólogas e antropólogos destinados a ensinar antropologia para estudantes de distintas áreas, bem como para técnicas e técnicos e cidadãos/ãs que se movimentam no mundo contemporâneo. Seguindo estas inquietações sobre o ensino de antropologia há duas décadas, nos questionamos: quais foram os principais desafios da nossa geração, especialmente no contexto da pandemia do COVID-19, em relação ao ensino da antropologia desenvolvido nos cursos de Ciências Sociais e de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) nos períodos de 2021 a 2022? Quais técnicas e metodologias utilizamos? Como resolvemos os problemas pedagógicos apresentados? Quais foram as principais dificuldades da equipe docente e discente no ensino remoto?

Estes questionamentos serão explorados ao longo do artigo a partir das nossas experiências no ensino superior, em quatro disciplinas - Métodos de Pesquisa em Antropologia, Antropologia da Política, Tutorial² e Antropologia e Feminismo - oferecidas pelo departamento de Antropologia da UFSC para

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Pâmela Laurentina Sampaio Reis).

² Disciplina voltada ao aprofundamento de temas e questões específicas da Antropologia. É pré-requisito para esta disciplina a aprovação em todas as disciplinas obrigatórias até a quarta fase.

cursos de graduação em Antropologia e Ciências Sociais³. As disciplinas foram lecionadas pelas professoras titulares do departamento de antropologia, Dra. Miriam Pillar Grossi e Dra. Alinne de Lima Bonetti em conjunto com estagiárias docentes, doutorandas dos Programas de Pós-graduação em Antropologia e Interdisciplinar em Ciências Humanas⁴ envolvidas com pesquisas voltadas para questões de gênero e relações raciais.

Ao longo do percurso de estágio de docência estão experiências formativas que se entrecruzam com a reflexão relatada neste artigo, como a roda de conversa sobre o ensino durante a pandemia, realizada em novembro de 2021 e parte das comemorações dos 30 anos do Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (NIGS) da UFSC, a escrita do capítulo "Docência e metodologias de ensino na pandemia" (Grossi, 2022) e a participação em Grupos de Trabalho (GTs) em eventos da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS). Foi grande o número de pesquisadoras e pesquisadores que contribuíram para este processo formativo: agradecemos em especial a rede NIGS, aos professores coordenadores dos grupos de trabalho Ensinar e aprender Antropologia (Reunião Brasileira de Antropologia - RBA) e Ensino de Ciências Sociais (ANPOCS) Guillermo Vega Sanabria, Sueli Guadalupe de Lima Mendonça e Amurabi Oliveira, assim como as e os pesquisadores que compartilharam experiências nestes espaços e a tutora dos nossos estágios de docência Dra. Miriam Pillar Grossi, responsável pela supervisão e formação ao longo de cada disciplina, além dos estímulos à pesquisa, leituras e revisões.

Enquanto pesquisadoras, nossas experiências e escolhas teóricas envolvidas no processo formativo do estágio de docência dialogam com marcos do conceito de *saberes situados* (Haraway, 1995) e da perspectiva pós-construtivista (Grossi, 2004) com o intento de colaborar com uma teoria antropológica atravessada por diversidade de corpos, saberes e conhecimentos no sul global.

Docência de antropologia em contexto de pandemia

³ Destacamos que a disciplina de Antropologia e Feminismo acolheu também estudantes de outros cursos de graduação.

⁴ Também compuseram a equipe de estagiárias discentes as estudantes de pós-graduação Bianca Hammerschmidt, Valentina Cortínez O'Ryan e Winny Gabriela Santana.

A pandemia de COVID-19, para além de todas as discussões levantadas no campo da saúde, também foi um grande estímulo para que se repensassem as práticas e objetivos do ensino superior. A pandemia obrigou a nos isolarmos e, por conseguinte, as aulas presenciais foram interrompidas abruptamente em março de 2020. Assim sendo, a necessidade de se implantar, mesmo que de forma temporária, o ensino remoto para estudantes dos diferentes níveis, movimentou toda a comunidade acadêmica fazendo-a buscar alternativas pedagógicas e administrativas que pudessem viabilizar esta modalidade de ensino. Naqueles primeiros dias da pandemia o sentimento era de que logo a vida voltaria ao normal e as atividades presenciais seriam retomadas, porém não foi o que ocorreu. No caso da Universidade da qual fazemos parte, as aulas foram suspensas por 5 meses, até agosto de 2020, na busca de alternativas para viabilizar o ensino remoto e criar as condições para sua implementação.

Professoras, trabalhadoras da educação e estudantes se viram às voltas com diversos recursos tecnológicos necessários para a manutenção de suas atividades virtuais. Neste primeiro momento destacamos dois principais desafios: o primeiro deles foi a tentativa de proporcionar, principalmente às e aos docentes, atividades de formação e/ou manuais e tutoriais que os auxiliassem na utilização de tecnologias educacionais como o *Moodle*. O segundo desafio foi o de proporcionar condições materiais de trabalho e de estudo para que o ensino remoto pudesse acontecer.

Este foi um dos momentos (entre vários outros) em que ficou evidente a desigualdade de condições para o aprendizado que perpassa nossa sociedade. Foi possível observar docentes e estudantes sem acesso à internet, a material didático e a recursos tecnológicos como computadores, softwares, microfones, câmeras, scanners e celulares com rede de dados móveis. Mesmo quando alguns possuíam estes recursos, muitas vezes eles eram defasados e não conseguiam dar conta destas demandas. Isto forçou a instituição a buscar alternativas para enfrentar esta dificuldade e algumas das ações foram: empréstimos de equipamentos eletrônicos e de material didático para docentes e estudantes, bolsas para que as e os estudantes pudessem contratar serviço de dados móveis de forma a acompanhar as aulas pelo

celular, além de distribuição e recebimento de material impresso (material de estudo, provas e exercícios) em ocasiões específicas⁵.

Ao longo de 2020 os diálogos e trocas de conhecimento quanto ao contexto vivido foram intensos. A exemplo, os boletins diários da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS) para divulgação científica por pesquisadoras e pesquisadores das ciências humanas, acessados tanto por pessoas da área quanto por pessoas de fora do campo acadêmico, exerceu um papel informativo importante sobre as vivências na pandemia para o campo das Ciências Sociais, assim como o livro *Cientistas Sociais e o Coronavírus* (Grossi e Toniol, 2020) onde se reuniu textos escritos por duas centenas de cientistas sociais no “calor da hora” da primeira onda da pandemia do Covid 19 no Brasil. Dificuldades, reflexões, análises e pontos de vista publicizados a partir deste esforço coletivo contribuíram para a instrumentalização dos nossos olhares para o contexto social e de ensino vivido na pandemia.

Em relação ao ensino, Sônia Weidner Maluf (2022) aponta que a pandemia amplificou uma série de dificuldades enfrentadas nas atividades acadêmicas como a garantia de condições isonômicas para todos em relação ao acesso às aulas. Além desta problemática, a antropóloga ressalta a precarização vivenciada pelas áreas das ciências humanas e, particularmente na antropologia, especialmente nos primeiros momentos da pandemia nos quais também fomos alvo de uma política negacionista, de cortes de bolsas e de recursos de custeio. “O ensino de antropologia, em todos os níveis, tem vivido tempos sombrios, nos quais as bases mínimas de diálogo e de reconhecimento dentro do campo científico do país, que eram consideradas consolidadas ou em processo de fortalecimento, foram abaladas (Maluf, 2022:119).

Além desses dois desafios iniciais, podemos elencar vários outros que foram se somando conforme a pandemia avançava. Durante junho de 2020, o Subcomitê Acadêmico do Comitê de Combate à Pandemia do COVID-19 da UFSC elaborou um questionário que foi aplicado com docentes, técnicos administrativos em educação e estudantes com objetivo de fazer "um diagnóstico institucional das condições para a realização de atividades pedagógicas não presenciais, bem como das

⁵ Informes sobre as articulações realizadas pela UFSC estão disponíveis através do Comitê de combate à pandemia de Covid-19. Disponível em: <https://noticias.ufsc.br/tags/comite-de-combate-a-pandemia-do-covid-19>.

necessidades para o retorno do ensino presencial" (Costa *et al* 2020:15)⁶. Neste artigo vamos nos deter apenas na análise dos dados das e dos discentes, que no momento da aplicação da pesquisa compunham uma população total de 36.792 indivíduos, distribuídos nos níveis de ensino básico, graduação e pós-graduação, dentre os quais 63,5% responderam a pesquisa (cerca de 23.300 estudantes). Quando a pesquisa foi aplicada, 97,57% das e dos estudantes informaram que não haviam sido diagnosticados com a COVID-19 e 82,05% não faziam parte dos denominados "grupos de risco".

Com relação ao acesso à internet, 92,27% das e dos estudantes afirmaram que consideravam sua conexão com a internet suficiente para participar das atividades online. Praticamente a mesma porcentagem, cerca de 93%, respondeu possuir equipamentos eletrônicos como computadores e *notebooks* para acessar internet fora do *campus* da universidade e 96,37% dos estudantes declaram possuir *tablets* e/ou *smartphones* para se conectar à internet. Quando questionados se estes equipamentos eram de uso individual, 86,08% responderam afirmativamente.

Outro dado importante que este questionário apresentou foi o de que 76,92% das e dos estudantes declararam ter privacidade e silêncio suficientes nos seus ambientes de estudo em casa. Sobre a familiaridade com o uso de tecnologias digitais em educação, 57,28% das e dos estudantes afirmaram ter boa familiaridade e 33,44% excelente, contra 9,26% que responderam ruim ou péssima. Já sobre as plataformas de ensino, 66,46% disseram que tinham uma boa familiaridade com o *moodle*, sendo que 69,29% responderam que gostariam de receber capacitação para utilizar recursos avançados desta plataforma. Para os recursos básicos não houve tanta demanda: 66,53% afirmaram que não gostariam de receber capacitação para estes recursos. Quando questionados se possuíam dificuldades para participar de atividades pedagógicas não presenciais, a maioria das e dos estudantes respondeu que não tinham dificuldades técnicas (85,9%) nem pessoais (69,69%). Além disso, 66,05% pretendiam dar continuidade aos estudos mesmo em regime não presencial,

⁶ Os dados foram retirados do Diagnóstico Institucional UFSC de junho/2020, disponível em: https://coronavirus.paginas.ufsc.br/files/2020/06/15_06_20_DIAGNOSTICO_INSTITUCIONAL_1.pdf.

30,63% aguardavam o retorno do ensino presencial e 3,32% pretendiam trancar o curso ou desistir dos estudos. É importante destacar que das e dos respondentes 103 estudantes eram indígenas e 108 quilombolas, uma amostragem pequena em relação ao número total de estudantes respondentes.

O diagnóstico resultante desta pesquisa realizada no início da pandemia, em 2020, foi uma ferramenta importante para elaboração de um panorama inicial sobre as condições para as aulas, quando ainda estávamos organizando os planos de ensino e não conhecíamos as turmas. No entanto, com o decorrer do ensino remoto, percebemos que a realidade das e dos estudantes nas disciplinas ministradas por nós não correspondia ao panorama esboçado pelos resultados do diagnóstico da universidade. Aos poucos fomos percebendo a situação específica de cada estudante através de perguntas e pesquisas nos momentos iniciais das aulas, de trocas via correio eletrônico, dos barulhos ambientais durante as aulas síncronas, das ausências, dos silenciamentos e das quedas de internet e percebemos que a situação real das e dos estudantes que tínhamos em nossas turmas era muito mais precária do que a pesquisa da UFSC havia levantado. Situação essa que evidenciou um perfil de quem teve acesso para responder ao formulário aplicado pela universidade e a inviabilidade do método para diagnosticar as reais condições das e dos 10 mil estudantes que não responderam e não foram mapeados.

Diante deste contexto de dificuldades, relatamos nossas experiências ocorridas em disciplinas ofertadas pelo departamento de Antropologia para estudantes de perfil diverso quanto a composição racial, social, de gênero, de idade e cidade de origem. Dentre as disciplinas que integram as reflexões deste artigo, a primeira a ser ministrada foi Métodos e Técnicas de Pesquisa, disciplina obrigatória do curso de Antropologia. Correspondente ao segundo semestre do ano letivo 2020, foi realizada entre os meses de janeiro e maio de 2021. Iniciou com quinze estudantes matriculados, dos quais três nunca assistiram às aulas; outros três deixaram de participar das aulas ainda nas primeiras semanas, dois destes participaram de apenas uma aula. Ao todo, nove estudantes seguiram na disciplina e a concluíram. A totalidade estava morando na casa de seus pais⁷, muitos em outras cidades do Brasil quando cursaram a disciplina, situação

⁷ Em diferentes composições familiares, com pai e mãe, só mãe, com ou sem irmãos, com ou sem avós morando no mesmo espaço familiar.

que, junto a outros fatores, teve importantes implicações para o desempenho acadêmico dos estudantes bem como para as nossas práticas pedagógicas.

A disciplina Tutorial, do curso de Antropologia, correspondente ao primeiro semestre do ano letivo de 2021, foi ministrada entre junho e agosto de 2021 e contou com oito estudantes de distintas fases do curso com uma composição etária entre 19 e 30 anos. Na apresentação inicial da turma, um estudante era indígena, uma estudante se identificou como negra e seis como brancos ou não autodeclarados. Em relação à moradia, cinco pessoas estavam residindo na casa dos pais, uma estava residindo em uma casa coletiva e duas coabitavam com os e as respectivas companheiras(os). No mesmo período foi ministrada a disciplina de Antropologia Política, do curso de Antropologia. Iniciamos com quinze estudantes com perfil parecido com a disciplina Tutorial: estudantes de distintas fases e faixa etária entre os 18 a 30 anos. Tivemos um estudante indígena, um se identificou como negro e onze como brancos.

Finalmente, a disciplina de Antropologia e Feminismo, do curso de Ciências Sociais, foi ministrada por duas docentes no final de 2021 e início de 2022, passando por uma pausa em função do recesso de fim de ano. O curso começou com quarenta e duas estudantes matriculados/as, porém nove nunca compareceram às aulas e algumas estudantes evadiram ao longo do semestre, finalizando a disciplina com vinte estudantes. Durante a primeira aula foi aplicado um questionário com o objetivo de traçar um perfil da turma. A maior parte das/os estudantes era do curso de Ciências Sociais e, em segundo lugar, de Antropologia. A maioria se encontrava fora da cidade onde está a Universidade, mais da metade delas/es se encontrava morando com os pais e duas informaram ter filhos. A idade das e dos estudantes variou entre 19 e 42 anos. Com relação à raça, vinte e quatro estudantes se identificaram como brancas/os e cinco como negras/os⁸. Naquele momento da disciplina (final de outubro de 2021), 100% das e dos alunos já estavam vacinados, 80% informaram não ter tido COVID-19 (contra 97,57% em

⁸ Pergunta aberta, as e os estudantes puderam responder livremente. Um/a respondeu ser negro/a e quatro indicaram ser pretos/as ou pardos/as. Compreendemos que a população negra é composta por pretos e pardos.

junho de 2020) e 30% havia perdido alguém importante para a doença.

Metodologias e práticas

Organizamos as disciplinas a partir do método pós-construtivista cuja origem se encontra no construtivismo piagetiano que reconhece o conhecimento como resultado de uma construção mediada pela/o professor/a, por meio do contato do sujeito com o objeto do conhecimento (Grossi, 2008). De acordo com o pós-construtivismo a construção do conhecimento ocorre através da troca entre pares e pela interação entre as e os estudantes, marcada fortemente pela dimensão social. Nessa direção, conhecer as/os estudantes e incentivar a construção de conhecimento de forma coletiva foi um caminho fundamental para a aplicação do método. Entendemos que o aprendizado se dá em processo, em questionamento, em diálogo, com base na interação com o ambiente e os objetos desse conhecimento, cabendo à equipe docente promover um ambiente favorável à aprendizagem. Dentro desta proposta pedagógica, reuniões semanais de planejamento entre a equipe docente de cada disciplina foram pensadas, organizadas e executadas. A cada semestre, utilizava-se das primeiras reuniões para elaboração dos planos de ensino, pensados de forma coletiva, com a(s) professora(s) titular(es) à frente e a colaboração das estagiárias docentes. Sobre o contexto pandêmico, o conhecimento da falta de estrutura de parte das e dos estudantes, as dificuldades tecnológicas enfrentadas e a situação de vulnerabilidade social, econômica e emocional foram considerados desde a elaboração dos planos de ensino.

A organização das aulas e materiais didáticos das disciplinas foram disponibilizados através do *Moodle*, plataforma de apoio a cursos presenciais disponibilizado pela universidade, o qual já era utilizado pela instituição desde antes da pandemia. Trata-se de um sistema de código aberto para a criação de Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) utilizado por professores e estudantes como ferramenta de apoio. Durante as experiências relatadas, a maioria das aulas ocorreram dentro desta plataforma, que também serviu de local para acesso aos materiais didáticos, envio de atividades e *feedbacks* avaliativos, comunicação via mensagens privadas e de fórum.

Os planos metodológicos adotados consideraram estratégias colaborativas e participativas com o objetivo de

estimular ao máximo a participação da turma em cada aula, ao passo que se tentou regularmente compreender as dificuldades de cada estudante. Com grande preocupação pedagógica, procuramos incentivar a interação entre as/os estudantes em nossas didáticas, diversificar a estrutura das aulas, as atividades propostas e as avaliações aplicadas nas aulas síncronas (encontros simultâneos em plataforma online) e nas atividades assíncronas (atividades preparatórias realizadas em período anterior à aula síncrona), ajustando o planejamento quando necessário.

Enfatizamos a avaliação das e dos estudantes sempre pensada de forma processual e individual, tendo em vista a importância de acompanhar o progresso de cada um/a das e dos estudantes em mobilizações conceituais ao longo da disciplina. Acompanhamos, organizando diários de campo sobre a turma e registros individuais de cada estudante, a participação durante as aulas e as atividades postadas no *moodle*. Comentários falados ou escritos durante as aulas foram fortemente estimulados e definidos como um dos pontos principais da avaliação. Além disso, priorizamos a diversidade de atividades no decorrer dos cursos e mantivemos a comunicação com as turmas através de informações postadas nos fóruns do Moodle e também via mensagens privadas com cada estudante, enviando um *feedback* individual como retorno de cada atividade aplicada e retornos avaliativos coletivos para toda a turma em momentos iniciais de aula. Também aplicamos avaliações das aulas para diagnosticar demandas. A seguir, descrevemos o planejamento de cada disciplina, as nossas escolhas epistemológicas e metodológicas.

Iniciamos com a descrição da disciplina de Metodologia da Pesquisa, da quarta fase do curso de Antropologia. O objetivo da disciplina foi introduzir as/os estudantes de graduação aos principais métodos de pesquisa da antropologia e também às discussões epistemológicas atuais no campo disciplinar. O plano foi composto por 3 unidades de ensino: Métodos e epistemologias, etnografia, objetividade, subjetividade e reflexividade na pesquisa antropológica e técnicas de pesquisa e metodologias na antropologia. Mobilizamos os conteúdos a partir do diálogo com diferentes teóricas/os, corpos que se localizam em diferentes lugares do Sul e Norte Global.

Como atividade diagnóstica, pensou-se a primeira aula como apresentação da turma, onde cada estudante pode se descrever (nome, identificação racial e de gênero, idade, local de residência), contar sobre suas condições para participar das aulas e atividades desenvolvidas além das aulas. Junto a este diagnóstico

se realizou a atividade assíncrona: com quem você se identifica na antropologia? Atividade organizada para compreender o perfil da turma, mapear quais autores já circulavam nas leituras e as afinidades teóricas.

Na primeira unidade trabalhamos com o Método Comparativo e de Classificação a partir do pensamento antropológico, dialogando com o pensamento decolonial, e as epistemologias negras e indígenas brasileiras. Procuramos abordar significativas implicações para a pesquisa a partir de diferentes olhares no campo antropológico, na qual pessoas indígenas e/ou negras se posicionam e se localizam a partir dos seus lugares e experiências. As principais atividades foram a apresentação dos textos em diferentes formatos pela equipe docente, discussão em aula e o exercício de apresentação, por parte das e dos estudantes, de produções que dialogam a partir de posicionamentos epistemológicos de pessoas negras e indígenas no Brasil atualmente. Durante a segunda unidade, os textos fornecidos abordaram elementos centrais do fazer antropológico: etnografia; interação sujeito/objeto; observação participante, e, as pesquisas de Gilberto Velho e William Foote Whyte; subjetividade na pesquisa, emoção e afeto; e ética na pesquisa.

A atividade central desta unidade foi o desenvolvimento de diários de campo na forma de uma pesquisa individual vinculada à pandemia, baseada em experiências próximas e na observação, devido às limitações que impõe a pandemia do COVID-19 para a realização de trabalho de campo. Na descrição etnográfica incentivamos a observação de campo com os textos selecionados para cada aula da unidade 2, com atenção sobre duas dimensões da escrita no diário: os lados esquerdo (subjetividade) e direito (objetividade). Na última unidade da disciplina, abordamos a técnica da entrevista e propusemos como atividade central a elaboração, em grupos, de *podcasts* que articularam as reflexões e resultados das pesquisas desenvolvidas na Unidade 2 sobre o tema Antropologia e Pandemia para discutir técnicas de entrevista, elaboração de roteiro, elaboração de questionário, como organizar e como e quando aplicar cada método.

Seguindo a proposta pedagógica, ao longo do curso da disciplina realizamos avaliações contínuas e individuais, identificando como cada estudante mobilizou os conteúdos trabalhados e as dificuldades, com *feedback* individual entregue ao fim de cada atividade realizada. Junto à avaliação processual, aplicamos ao fim de cada unidade uma avaliação da disciplina e

autoavaliação de desempenho, respondidas por estudantes da turma, com devolutiva e balanço das aulas em cada transição de unidade.

No semestre seguinte, a partir de junho de 2021, a professora titular lecionou as disciplinas de Antropologia da Política e Tutorial para o quinto período do curso de Antropologia. O objetivo das disciplinas foi proporcionar uma reflexão mais ampla sobre o campo atual da Antropologia da Política, desde os estudos clássicos deste campo até os debates contemporâneos. A estrutura metodológica aplicada seguiu o roteiro da disciplina de Metodologia da Pesquisa. Ajustes foram feitos no decorrer da disciplina a partir do feedback da turma. Isto é, as metodologias eram regularmente discutidas nas reuniões semanais junto a equipe com o objetivo de avaliarmos os impactos de cada atividade.

A aula-entrevista é uma atividade de cunho pós-constructivista na qual busca-se conhecer e compreender melhor a trajetória das/os estudantes. Iniciamos a disciplina de Antropologia da Política com esta atividade. A importância da equipe docente conhecer as especificidades das e dos estudantes reflete diretamente no apoio e no estímulo ao plano de carreira que atenda às distintas demandas. Os debates iniciais da primeira unidade, partiram das reflexões que envolveram as teorias feministas decoloniais. Discutimos sobre a relação entre “Sociedades com e sem Estado” a partir de Pierre e Hélène Clastres, que estudaram os indígenas Guarani no Paraguai nas décadas de 1960/70, registrando uma forte influência na etnologia indígena brasileira na articulação entre linguagem x poder x fala. Na sequência, dialogamos com Georges Balandier, Eric Wolf e Achille Mbembe sobre política, poder, morte, estado-nação, racismo, colonização, poder de morte. A turma reagiu positivamente nas aulas síncronas ao discutirmos sobre racismo, colonização e necropolítica. Observamos as conexões estabelecidas entre os conceitos e a realidade contemporânea. Este fator foi o elo para darmos continuidade às reflexões sobre os estudos contemporâneos da política, tema da segunda unidade.

Antes de darmos início a Unidade II, “Poder, resistência e subjetividade”, fizemos uma síntese dos principais conceitos apresentados na Unidade I com a intenção de dirimir dúvidas e também de reforçar a compreensão do caminho teórico percorrido. Após esta revisão conceitual iniciamos a Unidade II retomando o conceito de dominação simbólica de Pierre Bourdieu e de sujeição e assujeitamento de Judith Butler para

pensarmos as resistências e o espaço de agência como formas psíquicas e políticas do sujeito moderno. O segundo momento desta unidade foi reservado para os debates sobre Antropologia Política no Brasil e América Latina, a partir dos quais recuperamos a história da Conferência de Barbados, que é considerada um marco da defesa das populações indígenas na América Latina e o papel das antropologias brasileira e mexicana dos anos 1960/70.

Analizamos o papel dos movimentos sociais na construção e luta por democracia no Brasil e em outros países da América Latina em comparação com os momentos da política brasileira, identificando por um lado, o impacto dos movimentos de mulheres, feminista, negro, ecologista, LGBT, de pessoas com deficiência, e por outro, a ditadura militar nos anos 1970/80, o período democrático dos anos 1990/2000 e o pós-golpe contra a presidenta Dilma Rousseff. A unidade III, foi destinada exclusivamente para a finalização de uma pesquisa sobre política tendo como base a bibliografia discutida no programa da disciplina. Esta atividade foi acompanhada semanalmente de forma individual. Para tal, dispomos das salas virtuais para discutirmos sobre a produção da pesquisa.

Tutorial é uma disciplina de 2 créditos e as aulas ocorreram quinzenalmente. Iniciamos a disciplina discutindo um texto do antropólogo, Roberto DaMatta, publicado em sua coluna no Jornal O Globo, sobre democracia, populismo, poder e a velha ordem. Analisamos ainda os desdobramentos dos debates da CPI do COVID-19.

A seguir, se propôs refletir sobre a resistência durante o período da ditadura militar brasileira, solicitando aos estudantes o compartilhamento de documentários, imagens, músicas e entrevistas. Esta metodologia foi aplicada com a turma no semestre anterior e verificamos tanto o conhecimento prévio que as e os estudantes tinham sobre o assunto, bem como uma maior liberdade criativa no momento das apresentações. Assim como realizado no semestre anterior, acompanhamos a feitura dos trabalhos e nos colocamos à disposição para ajudar diante de quaisquer dúvidas. Prosseguimos com a apresentação das Conferências de Políticas Públicas nos Governos Lula e Dilma e finalizamos com o debate sobre as Associações Científicas como espaço da política e engajamento. Focamos especialmente nas seguintes instituições: SBPC, ABA, ANPOCS e IUAES. Fechamos o semestre com as apresentações de trabalhos de

análise política desenvolvidos ao longo do semestre pelos estudantes sobre a política brasileira.

A quarta e última disciplina abordada, Antropologia e Feminismo, também iniciou com a construção do plano de ensino. O objetivo da disciplina, lecionada por duas professoras titulares e duas estagiárias docentes, foi proporcionar aos estudantes o contato e conhecimento de autoras pouco estudadas nas disciplinas obrigatórias de Teoria e Metodologia em Antropologia, visando retomar a presença de antropólogas na história da disciplina e a sua contribuição para a constituição do campo da antropologia feminista. Para isto, foi feita uma seleção de textos escritos por antropólogas feministas, sempre com o objetivo de evidenciar a produção de cada uma destas mulheres.

A disciplina foi dividida em duas unidades, sendo a primeira Antropologia e feminismo no Brasil e na França e a segunda unidade Antropologia feminista anglófona. As aulas ocorreram de forma síncrona e, assim como nas disciplinas relatadas acima, as e os estudantes que se ausentaram de uma aula podiam recuperar o conteúdo assistindo à gravação da mesma e entregando uma resenha sobre os assuntos discutidos.

As ações de preparação e planejamento iniciaram no final de setembro de 2021 por meio de reuniões virtuais entre a equipe docente. Ali foram definidas a continuidade de ações importantes como acompanhar e auxiliar os estudantes, especialmente aqueles com maiores dificuldades; atualizar e alimentar constantemente o ambiente de aprendizagem - *Moodle* - com materiais didáticos; registrar a participação das e dos estudantes; ter atenção com a tecnologia, recursos e com os materiais a serem apresentados na aula; realizar avaliação processual das e dos estudantes de forma coletiva quanto à leitura e correção dos trabalhos; elaborar *feedback* dos alunos e auxiliar e acompanhar as atividades assíncronas foram algumas das ações realizadas enquanto equipe docente na disciplina.

Assim como nas experiências anteriores, a primeira atividade com a turma envolveu uma dinâmica de apresentação dos e das estudantes, desta vez, feita por meio de um questionário para traçar um perfil da turma antes de seguir com as unidades de ensino. A Unidade I - Antropologia e feminismo no Brasil e na França iniciou apresentando pioneiras da antropologia brasileira dos anos 1950/60: Heloísa Alberto Torres, Berta Ribeiro e Gioconda Mussolini (USP). Foi o momento para refletir sobre as trajetórias destas três mulheres e as dificuldades que encontraram

nas suas pesquisas em sociedades indígenas (Berta), caiçaras (Gioconda) e mulheres negras (Heloisa). Durante esta primeira aula foi possível dialogar com a turma sobre as principais contribuições dos textos destas mulheres e em como suas histórias nos impactaram.

Nesta primeira Unidade discutiu-se sobre o surgimento da antropologia feminista nos anos 1970 na Unicamp, tratando dos temas ligados às sexualidades, violências e interseccionalidade. Outro tema abordado foram as questões de gênero na Antropologia Urbana dos anos 1980, enfocando o Museu Nacional, USP e UnB. Textos sobre a história das mulheres na antropologia brasileira, sobre antropologia e feminismo, sobre aborto e questões de gênero na antropologia foram lidos por grupos de estudantes que postaram no fórum suas impressões sobre as leituras realizadas. O tema do feminismo negro dos anos 1950 até o presente mobilizou muito as/os estudantes que discutiram de forma excelente os temas estudados no texto autoral que escreveram e que fazia parte das atividades avaliativas.

As antropologias feministas do sul do Brasil (UFRGS e UFSC) também foram tema desta unidade e as estagiárias puderam apresentar as antropólogas que fazem parte do corpo docente destas duas Universidades. Encerramos esta primeira parte da disciplina com as antropólogas francesas Germaine Dieterlen, Denise Paulme e Germaine Tillion e aplicamos um questionário de avaliação desta primeira parte da disciplina. Foi ainda nesta unidade que as/os estudantes elaboraram e apresentaram *wikis*⁹ sobre uma antropóloga, da escolha deles, que tenha atuado entre os anos de 1970 e 2020.

Após o recesso de final de ano, retomamos as aulas em fevereiro de 2022 com a Unidade II - Antropologia feminista anglófona. O primeiro tema discutido foi a invisibilidade de Audrey Richards. Nesta Unidade a dinâmica das aulas mudou um pouco e normalmente as estagiárias iniciavam apresentando um breve resumo dos textos e levantavam questões para estimular o debate entre os estudantes. Ao final de cada aula a professora fazia uma síntese do tema, introduzindo as principais ideias, conceitos e bibliografias, sempre buscando apresentar as antropólogas estudadas para a turma. Foi ainda nesta unidade que tivemos a oportunidade de estudar a respeito da linhagem antropológica

⁹ Em termos gerais, *wiki* é uma página na internet que pode ser visitada e editada por qualquer pessoa. No caso da disciplina, cada grupo de alunos poderia editar somente a página que o grupo elaborou.

social feminista britânica com Marilyn Strathern e Henrietta Moore e as estudantes de Franz Boas, Zora N. Hurston e Ruth Landes. Finalizamos com a linhagem feminista culturalista, por meio do estudo de Michelle Rosaldo e Sherry Ortner e suas reflexões sobre agência. Para encerrar esta unidade, a atividade avaliativa foi a escrita de um ensaio analítico sobre o conteúdo programático da Unidade II em que as/os estudantes deveriam aplicar os conceitos antropológicos trabalhados e produzir uma análise crítica sobre os textos escolhidos.

Nossas experiências, ocorridas em momentos distintos do ensino remoto na universidade, nos evidenciou que mesmo em meio a limitações foi possível dar ênfase ao desenvolvimento de habilidades centrais no ensino de Antropologia, tais como o "ser afetado" (Favret-Saada, 2005), a identificação dos aspectos subjetivos e objetivos das observações (Grossi, 2018) e a descrição etnográfica (Silva, 2009), trabalhando junto a uma seleção política das referências bibliográficas, tensionando o campo científico através do diálogo com corpos intelectuais situados em diferentes lugares do norte e sul global.

Um percurso desafiador: nossas observações

Os encontros semanais de planejamento, organização das aulas e avaliação das atividades foram estruturais para o funcionamento geral das disciplinas, pois viabilizou o estabelecimento de diálogos permanentes entre a equipe de cada disciplina e as turmas. Eram nesses momentos de reunião que avaliamos a participação dos estudantes, as metodologias e estratégias usadas durante cada aula, se elas foram efetivas e, se necessário, reformulamos nossas estratégias para a aula seguinte.

Estivemos atentas para garantir a leitura dos textos propostos para cada uma das aulas. Cientes do cansaço devido às altas cargas de atividades remotas por parte das/os estudantes, decidimos usar uma estratégia para auxiliá-los neste trabalho de leitura. Quando a aula tinha mais de um texto para discussão nós dividimos previamente a turma em grupos e cada um/a ficou responsável pela leitura de um texto para comentar durante a aula. Os grupos eram organizados para promover a interação de diferentes pessoas a cada semana. Seguindo a teoria pós-construtivista, buscamos a aprendizagem em coletivo com equipes heterogêneas, uma vez que aprendemos socialmente (Geempa, 2012).

Como as orientações e *feedback* eram constantes tanto para estudantes quanto para a equipe docente, o aprendizado também ocorria em processo, em questionamentos, em diálogos, com base na interação. Para Esther Grossi (2004), aprender é um ato criativo por meio das elaborações do aprendente, é um ato interativo com a realidade e é um ato social porque é tributário inexoravelmente dos conhecimentos dos outros. Dessa forma, o contexto didático-pedagógico vivenciado pela equipe docente e de estagiárias foi propício para aprendermos e avaliarmos coletivamente. Para as estagiárias o apoio das professoras e o diálogo entre pares foram fundamentais para conduzir os trabalhos, sempre amparadas nas orientações, pesquisas diagnósticas e o conhecimento sobre o processo de aprendizagem de cada estudante, registrado e organizado em arquivo.

Tal metodologia nos permitiu conhecer as potencialidades e dificuldades da equipe docente, as realidades econômicas, familiares e emocionais das/os estudantes e trabalhar para possibilitar a continuidade daqueles com mais dificuldades de permanência nas disciplinas, além de adaptar o planejamento para os casos onde se identificou dificuldades. Assim, foi possível manter boa parte das/os estudantes acompanhando de forma efetiva as aulas até a conclusão das disciplinas.

Conforme já relatado, ao longo das disciplinas realizamos adaptações e mudanças de estratégia nos planejamentos. Na Unidade I da disciplina Antropologia e Feminismo, por exemplo, passamos a solicitar aos estudantes que postassem uma pequena tarefa toda semana como forma de avaliar a frequência às aulas. O tipo de atividade era discutido a cada semana em nossas reuniões de avaliação e planejamento e elas foram de formatos diversos, como texto, música, vídeo, etc. Esta intensa carga de atividade, porém, foi avaliada negativamente por alguns estudantes.

Quando questionados sobre a metodologia ou sugestão de mudança metodológica, recebemos os seguintes retornos: “Achei puxado, muitas atividades no final de ano cansativo” (Estudante A); “A dinâmica de atividades por semana! Talvez poderia ser mais espaçada ou intercalar alguns respiros metodologicamente” (Estudante B); “Talvez a intensidade de atividades! Entendo a proposta da disciplina, porém muitas pessoas devem ter outras disciplinas ou rotinas específicas que tornem a participação ou a entrega de energia um pouco complicada, contando ainda com a

questão do ensino remoto/pandemia” (Estudante C)¹⁰. Ao ter este retorno dos estudantes, nosso planejamento para a Unidade II procurou diminuir um pouco este ritmo de muitas tarefas semanais.

Experenciemos um contexto similar na disciplina Métodos e Técnicas de Pesquisa. Iniciamos com propostas de atividades semanais e, após o *feedback* de avaliação dos estudantes indicando dificuldades para acompanhar a demanda de atividades assíncronas na Unidade II, alteramos o planejamento da Unidade III, onde elaboramos *podcasts* ao longo da unidade. As disciplinas de Antropologia Política e Tutorial apresentaram percurso semelhante ao que se refere às dificuldades apresentadas pelos discentes que apontaram o excesso de atividades como um dos fatores principais. As atividades em grupo por vezes foram criticadas. As principais alegações giraram em torno das dificuldades em organizar encontros virtuais com as/os colegas, “pouco tempo” para desenvolver um trabalho em grupo produtivo. O sentimento de cansaço e de irritabilidade foram mencionados especialmente nos atendimentos individuais.

Através das avaliações diagnósticas aplicadas tomamos conhecimento que muitos estudantes, por exemplo, 80% da turma de Métodos e Técnicas de Pesquisa, realizavam as aulas com ao menos uma dificuldade entre: ambiente não adequado com excesso de barulho, problemas com equipamento ou acesso à internet de qualidade. A falta de concentração foi apontada como dificuldade por 42% desta turma e, 60% da turma acompanhou ao menos uma aula síncrona de forma assíncrona e realizou atividade de recuperação da aula.

Além de contatar os estudantes faltantes, toda semana também enviamos informações sobre as próximas aulas, informando sobre textos que deveriam ser lidos, a metodologia a ser utilizada nas aulas seguintes e o que cada aluno deveria preparar (uma leitura de texto, uma apresentação de seminário, a entrega de um texto escrito, etc). Mesmo após quatro semestres de atividades remotas, as/os estudantes ainda tinham dificuldades em se organizar com o *moodle*. Os informes semanais visavam ajudá-los na organização das atividades, de forma que conseguissem participar ativamente das aulas.

¹⁰ Comentários retirados da avaliação realizada com os estudantes ao final da Unidade I na disciplina Antropologia e Feminismo.

Os dois pontos que consideramos mais desafiadores da proposta pedagógica foram a questão de manter a participação ativa das/os estudantes em todas as aulas e também no moodle, e, o trabalho de acompanhamento individual para que não tivéssemos desistências e evasões no decorrer das aulas e do semestre letivo. Para dar conta destas propostas foi necessário observar e registrar as interações em aula e o conteúdo das atividades desenvolvidas, além de acompanhar a frequência e o tempo de permanência de cada estudante nas aulas síncronas.

Nos casos onde se identificaram dificuldades de aprendizagem, as estagiárias docentes ou a(s) professora(s) contactaram individualmente a/o estudante para conversar sobre as dificuldades e propor possibilidades de recuperação. Outro ponto importante e desafiador foi o reforço constante para que estivéssemos sempre em contato com os estudantes, principalmente os faltantes. Durante as reuniões, ao verificar quem estava ou não presente já se preparava uma mensagem a ser encaminhada para os faltantes, de forma a saber os motivos da sua ausência, orientar para possibilidades de recuperar a aula perdida, e evitar evasões. A partir do diálogo individual se acordaram meios para viabilizar o acompanhamento das aulas, flexibilizando prazos para entrega quando necessário.

Todas as aulas foram gravadas e disponibilizadas na plataforma *Moodle*, possibilitando a estudantes trabalhadores, os que tiveram ausências por motivo de doença pessoal ou na família, ou ainda, que passaram por adversidades que resultaram em ausência, o acordo de assistir à aula gravada de forma assíncrona, escrever um comentário no formato de diário ou resenha sobre os conteúdos abordados na aula, avaliar o que achou da aula e registrar sugestões como forma de recuperar a ausência. A postagem do diário de aula assíncrona recebia *feedback* da equipe docente, avaliando a mobilização de conteúdos e reinserindo a/o estudante às aulas. Com esta metodologia desafiadora foi possível viabilizar participação e avaliar a aprendizagem de estudantes que não estiveram presentes em uma ou mais aulas síncronas, ação que diminuiu a evasão e as reprovações por falta.

Percebemos uma quantidade significativa de estudantes que não dispunha de condições adequadas para estudar e acompanhar as aulas. Nas avaliações diagnósticas uma das principais dificuldades indicadas foi a falta de um espaço adequado para estudos, dificultando a concentração. Problemas com o equipamento no decorrer das aulas ocorreram com

frequência. Vários dos estudantes não contavam com câmera nem microfone nos seus computadores e tinham que dividir o tempo de uso dos equipamentos com outros membros da família.

Neste contexto, o fato dos estabelecimentos educativos estarem fechados impactou especialmente as estudantes mulheres que tiveram de assumir tarefas em relação ao cuidado ou à educação de familiares. Também identificamos estudantes trabalhadores com grande jornada de trabalho, por exemplo, em uma turma com nove estudantes, uma estudante relatou trabalhar como babá, um estudante relatou trabalhar como motorista de aplicativo, dois no comércio. Contudo, seis dos nove estudantes trabalharam durante esse período, seja em casa como cuidadoras ou fora dela.

Em relação à dimensão emocional dos estudantes, a maioria relatou se sentir volúvel, com momentos de maior motivação dentro de um *continuum* de frustração, cansaço e desesperança com a situação de crise sanitária enfrentada no país. Por exemplo, na disciplina Antropologia da Política percebemos o cansaço frente às aulas remotas quando ocorreu a desistência de seis estudantes. Os motivos manifestados para a desistência se repetiram, entre eles: problemas com a internet; desenvolvimento de transtornos de ansiedade; ambiente inadequado para acompanhar as aulas e desenvolver atividades acadêmicas.

Ao longo das disciplinas nós, estagiárias docentes, também lidamos com desafios similares aos expostos pelos estudantes. Começamos nossos programas de pós-graduação entre os anos 2020 e 2021, ficando sem o acesso à universidade e parte de seus recursos, bem como sem o contato presencial com os colegas de turma. Assim sendo, fizemos as disciplinas obrigatórias dos programas na modalidade remota, o que de alguma maneira colaborou nas atividades de estagiárias porquanto conhecíamos de primeira mão as dificuldades que o ensino remoto impõe para o aprendizado.

Primeiro, todas tivemos problemas com os equipamentos e a internet, e duas de nós tivemos que comprar computadores novos durante a pandemia. A mãe e a avó de uma de nós, pertencentes aos grupos mais vulneráveis, pegaram COVID e ficaram muito doentes, precisando de oxigênio, no mesmo período na qual a estagiária desenvolveu uma doença. Outra de nós recebeu na sua casa a sogra e a mãe durante todo o período de isolamento social, ficando com uma grande responsabilidade de cuidados além das responsabilidades acadêmicas. Além disso,

o barulho e a instabilidade da internet ocasionaram um quadro de grande estresse e pânico ao enfrentar as aulas.

Portanto, durante o período de ensino remoto nos deparamos com inúmeros desafios de ordem técnica que nos exigiu o desenvolvimento de habilidades e competências no campo do novo do ciberespaço. Essa questão demonstra a complexidade que envolve o ensino remoto. Como dito acima, a transferência da sala de aula para o âmbito doméstico promoveu a reordenação do processo de ensino-aprendizagem a partir do qual observou-se um extremo cansaço por parte das e dos estudantes e da equipe docente, por vezes, propiciando evasão das disciplinas. Além disso, revelou um profundo quadro de desigualdades, tendo em vista, que muitos estudantes não têm acesso adequado à internet e não possuem aparelhos necessários como um computador, *tablet* ou celular. Soma-se a isso o contexto de insegurança sanitária. Diante desses desafios, é possível afirmar que um dos fatores positivos dessa modalidade de ensino foi a possibilidade de congregar pessoas das distintas regiões do país em uma sala online. Talvez, sem o ensino remoto no contexto específico da pandemia não seria possível acolher as e os estudantes que têm nas universidades públicas o único meio de acesso ao ensino superior.

Considerações Finais

Diante dos relatos apresentados é possível constatar o esforço pedagógico empreendido ao longo das aulas remotas. Como dito anteriormente, a perspectiva pós-constructivista percorreu as reflexões e ações docentes. Esther Grossi (2004) destaca a importância desse caminho, pois ao ir adiante no construtivismo de Piaget se valoriza a aprendizagem entre o conteúdo científico e o processo do próprio estudante, bem como se analisa o esforço de cada um para estar presente em sala, uma vez que o aprendizado é social. As técnicas pedagógicas dessa perspectiva focam inicialmente na formulação de um pacto, no qual, cada integrante da turma deve reconhecer-se enquanto grupo. De acordo com Felipe Fernandes (2014), a partir do contrato pedagógico são estabelecidas as diretrizes do curso, como a apresentação do programa da disciplina, participação nas aulas, leitura dos textos e especialmente a presença satisfatória nas aulas.

Analisa-se o esforço e o processo de cada estudante em sala, uma vez que o aprendizado é social. Já as avaliações

aconteceram de forma gradual a partir da conjunção de todas as ações desenvolvidas em sala. Nessa direção, houve um grande esforço para emprendermos no plano prático as premissas elaboradas em nossos planos de ensino.

Reforçar o pacto pedagógico gravitou entre as estagiárias, a(s) professora(s) titular(es) e as turmas. Em outras palavras, a cada reunião afirmamos o compromisso com o proposto. Analisando estas três diferentes experiências de estágio, consideramos que foi uma oportunidade para aprender a lidar com situações de ensino-aprendizagem adversas, em que estratégias e metodologias de ensino tiveram que ser pensadas, testadas e avaliadas constantemente e exigiram de docentes e estudantes um compromisso conjunto para se chegar ao final das disciplinas com êxito. Diante deste cenário pandêmico e de isolamento social, esboçamos, implementamos, avaliamos e modificamos diferentes estratégias para ensinar, trabalhar os conteúdos e conseguir a permanência dos estudantes.

Quando olhamos para nossas trajetórias nestes dois anos de aulas remotas, é possível constatar o esforço pedagógico empreendido, tanto por parte dos/as estudantes quanto da equipe docente. Este esforço foi um dos pontos constantemente considerados quando da avaliação dos estudantes através do olhar individualizado para cada um, buscando abarcar todo o seu desenvolvimento durante o curso das disciplinas. Ação fundamental para a proposta de evitar evasão, que foi bastante desafiadora porque exigia, por parte da equipe docente, um alto grau de organização, tempo e comprometimento.

Ao final das nossas caminhadas, constatamos que é preciso um acompanhamento das/os estudantes que seja próximo, flexível e adaptado às circunstâncias pessoais para garantir engajamento com o processo de aprendizagem. Destacamos também a importância do trabalho pedagógico construído em equipe e acreditamos que tais reflexões podem se tornar fonte de engajamento e inspiração para as práticas pedagógicas.

Referências

Relatório Técnico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

https://noticias.paginas.ufsc.br/files/2020/06/Relatorio_Parcial_do_Subcomite_Academico.pdf.

- FAVRET-SAADA, Jeanne. 2005. “Ser afetado”. *Cadernos de Campo (São Paulo, 1991)* 13(13): 155-161.
- FERNANDES, Felipe Bruno Martins. 2014. “Antropologia, Gênero e Sexualidades no Ensino Superior: tecnologias educacionais, teoria feminista e pós-construtivismo”. In: *29ª Reunião Brasileira de Antropologia*. Natal, 1-11.
- FONSECA, Claudia. 2001. “Avaliação dos programas de pós-graduação: do ponto de vista de um nativo”. *Horizontes Antropológicos* 7(16): 261-75.
- GEEMPA. 2012. *Nenhum a menos: alfabetização 100% em um semestre*. Porto Alegre: Geempa.
- GROSSI, Esther Pillar. 2004. *Qual é a chave? Todos podem aprender*. Porto Alegre: GEMPA.
- GROSSI, Esther Pillar; JUNGES, Márcia; FACHIN, Márcia. 2008. “O método pós-construtivista”. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos* 281: 10-11.
- GROSSI, Miriam Pillar; SCHWADE, Elisete; MELLO Anahi Guedes de; SALA, Arianna. (Orgs.). 2018. *Trabalho de campo, ética e subjetividade*. Florianópolis: Tribo da Ilha.
- GROSSI, Miriam Pillar; TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz; RIAL, Carmen Sílvia Moraes. (Orgs.). 2006. *Ensino de antropologia no Brasil: formação, práticas disciplinares e além-fronteiras*. Florianópolis, SC: Nova Letra Gráfica & Editora: ABA, Associação Brasileira de Antropologia.
- GROSSI, Miriam Pillar; REA, Caterina Alessandra. (Orgs.). 2020. *Teoria feminista e produção de conhecimento situado: ciências humanas, biológicas, exatas e engenharias*. Florianópolis: Tribo da Ilha.
- GROSSI, Miriam Pillar; TONIOL, Rodrigo. (Orgs.). 2020. *Cientistas sociais e o Coronavírus*. São Paulo: ANPOCS.
- GROSSI, Miriam Pillar et al. 2022. “Docência e metodologias de ensino na pandemia”. In: Miriam Pillar Grossi, Simone Lira da Silva, e Patricia Rosalba Moura Costa. *Tecendo redes em Antropologia feminista e estudos de gênero: 30 anos do NIGS UFSC*. Florianópolis: Tribo da Ilha, 227-38. _
- HARAWAY, Donna. 2009. “Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial”. *Cadernos Pagu* (5): 07-41.

MALUF, Sônia Weidner. 2022. “Ensinar antropologia em tempos sombrios”. *Ilha Revista de Antropologia* 24(1): 117-34.

SILVA, Hélio R. S. 2009. “A situação etnográfica: andar e ver”. *Horizontes Antropológicos* 15(32): 171-88.

Enviado: 01/03/2023

Aceito: 10/09/2023